

**A INFLUÊNCIA DA COBERTURA MIDIÁTICA NAS AGRESSÕES FÍSICAS
AOS ÁRBITROS DE FUTEBOL NO RIO GRANDE DO SUL**

Luiza Naujorks Reis¹,
Janice Zarpellon Mazo²,
Alberto Inácio da Silva³

RESUMO

Este estudo teve como objetivo averiguar a ocorrência de agressões aos árbitros nos jogos organizados pela Federação Gaúcha de Futebol (FGF) onde não houveram cobertura da imprensa. A amostra foi composta por 50 árbitros pertencentes ao quadro de árbitros da FGF, sendo que destes 26 atuam com árbitros e 24 como árbitros assistentes. Para o levantamento dos dados foram realizadas entrevistas utilizando um questionário semiestruturado visando a padronização das respostas, as quais foram submetidas à análise de conteúdo. Evidenciou-se um baixo índice de agressões físicas (18% da amostra), sendo que a maior parte das agressões sofridas ocorreu com a presença da mídia, o que nos fez acreditar que a mídia por si só não inibe comportamentos agressivos.

Palavras-chave: Árbitro, futebol, imprensa, agressão física.

ABSTRACT

The media coverage influence on physical aggression in Rio Grande do Sul football referees

This study aimed to investigate the occurrence of aggression on referees in the games organized by the Rio Grande do Sul Football Federation (FGF) where there was no press coverage. The sample was composed by 50 subjects of FGF Referee Panel, of which 26 operate as referees and 24 like assistant referees. For the survey data, interviews were conducted using a semistructured questionnaire aiming to standardize the responses, which were subjected to content analysis. Thus indicating a low rate of physical aggression (18% of sample), and most of these abuses occurred in the presence of the media, which made us believe that the media itself does not inhibit aggressive behavior.

Key words: referee, football, press, physical aggression.

1-Fisicor Medicina do Exercício, Especialista em Jornalismo Esportivo - UFRGS.

2-Professora dos cursos de Licenciatura e Bacharelado em Educação Física, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Movimento Humano da ESEF/UFRGS.

3-Universidade Estadual de Ponta Grossa - Paraná, Líder do Grupo de Pesquisa em Árbitros de Futebol - GPAF.

E-mail:

luiza_n_reis@hotmail.com

janmazo@terra.com.br

albertoinacio@bol.com.br

INTRODUÇÃO

A partir do século XIX com a criação das regras do futebol, este esporte distinguindo-se do Rugby e passou a ter as características que permanecem até hoje, isto ocorreu em 23 de outubro de 1863 na Inglaterra (Unzelte, 2009).

Apesar de o futebol ter surgido no continente europeu, o Brasil hoje é conhecido mundialmente como o país do futebol. Sem dúvida nenhuma foi a propaganda, a mídia que tornou o futebol o que ele é hoje (Da Silva, 2011).

Segundo Mack (1980), a televisão para dar importância ao futebol, quando da sua transmissão desenvolveu inúmeros recursos tecnológicos que combinam inúmeros efeitos audiovisuais para dar um ar de grandeza às transmissões dos jogos de futebol. O que se observa atualmente é total submissão do futebol aos interesses comerciais da televisão (Escher e Reis, 2005).

Esta afirmativa é reforçada pelo fato de que hoje os lucros da FIFA não dependem da receita de bilheteria dos jogos, mas ele vem, basicamente, da comercialização dos direitos de TV no mundo inteiro e da venda de patrocínios, independentemente do lugar onde ocorrerá a Copa, isto demonstra a importância da mídia para este esporte (Castellar, 2010).

O marketing esportivo junto com as cotas da televisão fornece a maior parte da receita financeira dos clubes e federações esportivas (Da Silva e Sobrinho, 2005).

Neste cenário esportivo, surgiu em 1868, na Inglaterra o árbitro de futebol. Devido as discussões ocorridas durante as partidas tornou-se necessário a presença de uma pessoa especialista nas regras deste esporte para evitar as discussões e brigas, porém, sua atuação restringia-se fora do campo.

Somente a partir de 1891 que o árbitro passou a atuar dentro do campo de jogo com base em regras pré-estabelecidas e com o auxílio de dois árbitros assistentes (Da Silva, Rodriguez-Añes e Frómeta 2002).

Desde então, a presença de árbitro em competições de futebol passou a ser obrigatória e as decisões ocorridas durante a partida passaram a depender da sua autoridade, podendo inclusive interferir no resultado do jogo (Da Silva e Frómeta, 2007).

No Brasil arbitrar um jogo de futebol nunca foi uma atividade fácil. Dentre os

problemas enfrentados pelos árbitros destacam-se: a precária infraestrutura de alguns estádios de futebol; a desonestidade de dirigentes; falta de conhecimento das regras pelos participantes do esporte e até por parte de alguns árbitros; falta de segurança (Pereira, Aladashvile e Silva, 2006).

A relação imprensa futebolística com a equipe de arbitragem nem sempre é cordial. As emissoras de radio, televisão e jornais passaram a contratar ex-árbitros para comentarem a atuação do trio de arbitragem durante os principais campeonatos. Isso, em um primeiro momento, pareceu ser uma boa ideia.

Entretanto, a falta de preparo de alguns ex-árbitros, e de conhecimento das regras por comentaristas, para comentarem as ações dos árbitros durante o jogo, contribui para que alguns adjetivos pejorativos sejam incutidos à imagem do profissional do apito e, conseqüentemente, ao vocabulário futebolístico (Da Silva e Frausino, 2005).

Quando se comenta de forma equivocada as ações do árbitro durante uma partida, isso auxilia na criação de uma imagem negativa que as pessoas possuem do árbitro de futebol, contribuindo para que estas sejam violentas com este. Quando se fala em violência no futebol, prontamente pensamos nas torcidas organizadas, vandalismos e depredações do patrimônio público, ou, mais especificamente, em faltas violentas e disputas acirradas dentro do campo de jogo (Boschilia, Afonso e Alves, 2008).

Em compensação, a violência física ou moral contra os árbitros raramente vem a nossa cabeça quando somos questionados sobre os casos violentos no futebol. Recentemente foi publicada na Folha de São Paulo uma pesquisa realizada com os árbitros da Federação Paulista de Futebol (FPF), cujo resultado revelou que um terço dos árbitros do quadro já sofreram agressões físicas (Folha São Paulo, 2012).

Diante deste cenário, a Associação Nacional dos Árbitros de Futebol (ANAF) se pronunciou afirmando que a ausência de televisionamento e da imprensa aumentam a violência em algumas competições (Reis, 2012).

Sendo assim, este estudo justifica-se á medida que pretende verificar se a incidência de agressões físicas sofridas pelos árbitros tem relação com a mídia, e analisar se os

mesmos resultados encontrados pela ANAF aplicam-se ao contexto do futebol gaúcho.

Dessa forma, o objetivo deste estudo foi averiguar a ocorrência das agressões físicas aos árbitros e assistentes de futebol de campo do quadro da Federação Gaúcha de Futebol (FGF) nos jogos organizados por ela em que não havia cobertura midiática.

MATERIAIS E METODOS

Um projeto de pesquisa qualitativo que consiste em entrevistas em profundidade foi adotado no presente estudo, realizado com árbitros de futebol de campo credenciados pela Federação Gaúcha de Futebol (FGF). A amostra foi composta por 26 árbitros e 24 árbitros assistentes pertencentes ao quadro de arbitragem FGF no ano de 2012. Os árbitros foram selecionados de forma aleatória, por meio de uma lista cedida pela própria FGF dos grupos e categorias dos árbitros desta entidade.

Cabe ressaltar que todos os entrevistados propuseram-se a responder após contato telefônico ou por e-mail em horários e locais previamente combinados. Para a concretização dos resultados, foram realizadas entrevistas utilizando um questionário semiestruturadas, o que permitiu um maior grau de controle por parte do pesquisador. Os entrevistados assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido permitindo que suas respostas fossem utilizadas na presente pesquisa.

O roteiro da entrevista foi dividido em duas partes que consideramos principais. A primeira está relacionada com o relato das agressões físicas sofridas ao longo da carreira dos árbitros e a segunda sobre as questões de experiência profissional, ou seja, que não têm relação direta com agressões.

Pela aplicação de entrevistas em profundidade na forma de um diálogo, foi possível obter um insight da perspectiva do sujeito. O diálogo é uma forma de estudo interativo em que é possível corrigir enganos, manter informações novas e inesperadas como também assegurar que nenhuma lacuna ocorra (Lindström, 1974).

Para o registro das informações, foi utilizada a técnica de gravação e posterior transcrição dos depoimentos orais.

Após a transcrição das entrevistas, aplicaram-se as técnicas de análise de

conteúdo propostas por Bardin (2000). Para este autor, a análise de conteúdo seria o conjunto de técnicas de análise de comunicações com o objetivo de obter, por procedimento sistemático e objetivo de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores que permitam uma inferência de procedimentos relativos às condições de produção e recepção dessas mensagens. As fases propostas por Bardin (2000) foram utilizadas devido à possibilidade de serem aplicadas no exame de documentos escritos e transcrições de entrevistas.

Sendo assim, a primeira etapa realizou-se com a seleção dos documentos (pré-análise), para uma sequente exploração do material e categorização das unidades de análise que pudessem ser feitas. Seguindo este processo, realizamos a descrição de cada categoria, seguida da interpretação dos resultados.

Cabe ressaltar que o tratamento dos dados foi feito por meio da divisão das entrevistas em unidades isoladas, permitindo o desmembramento dos significados implícitos e o seu reagrupamento em categorias. Dessa forma, os resultados obtidos puderam nos oferecer análises reflexivas e analíticas a respeito do objeto de estudo.

RESULTADOS

O Quadro de Árbitros da FGF no ano de 2012 contava com 117 árbitros, sendo que, deste total 42% participaram desta pesquisa (n=50). Dentro desta amostra, 18% (n=9) relataram ter sofreram algum tipo de agressão física ao longo de sua carreira como árbitro de futebol, sendo que, quatro árbitros atuavam como árbitro principal e quatro árbitros assistentes, no momento da referida agressão.

Analisando as competições em que as agressões ocorreram, sete agressões ocorreram durante competições amadoras organizadas pela FGF. Destas, quatro agressões foram durante partidas do futebol amador categoria adulto e três nos campeonatos estaduais das categorias de base. Constatou-se que apenas uma agressão ocorreu no futebol profissional, sendo esta na Segunda Divisão do Campeonato Gaúcho. Além disso, um árbitro foi agredido no aeroporto quando voltava de uma partida do Campeonato Brasileiro série A, organizado

pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF).

Foram consideradas as agressões ocorridas ante, durante e após as partidas tendo em vista que estas são consideradas como sendo ocorridas com os árbitros ainda na função da arbitragem, segundo o parágrafo segundo artigo 247 F, do Código Brasileiro de Justiça Desportiva, in verbis:

“§ 2º Para todos os efeitos, o árbitro e seus auxiliares são considerados em função desde a escalação até o término do prazo fixado para a entrega dos documentos da competição na entidade” (Incluído pela Resolução CNE nº 29 de 2009).

Quanto à cobertura midiática presentes nas partidas em que ocorreram as agressões foram excluídos as mídias próprias dos clubes. Dessa forma, em seis delas havia a presença de rádios e em três não havia cobertura midiática alguma. Televisão, rádio e jornal se fizeram presentes nas agressões sofridas no jogo da Segunda Divisão e no aeroporto.

DISCUSSÃO

Os resultados da análise das informações foram divididos em três categorias. A primeira trata especificamente sobre as agressões físicas sofridas pelos árbitros; a segunda refere-se aos meios de comunicação numa partida de futebol (televisão, rádio e jornal); e, por fim, a terceira categoria trata da atuação dos árbitros nos campeonatos oficiais promovidos pela FGF.

Categoria 1: Agressões físicas

As agressões físicas aos árbitros de futebol podem acontecer por parte de qualquer pessoa envolvida com o jogo de futebol ou externa a este (Da Silva, 2005), ou seja, pode vir a ser cometida pelos jogadores, membros da comissão técnica, dirigentes ou por torcedores.

Em um estudo que levou em consideração o gênero dos jogadores de futebol que comentem atos de agressividades, observou-se que os jogadores do sexo masculino apresentam mais atos de agressividade durante uma partida. Não obstante, em relação ao número total de

punições aos atos agressivos cometidos, os árbitros penalizaram mais as mulheres do que os homens. Estereótipos de gênero poderiam ser uma explicação pertinente para estes resultados, uma vez que o futebol geralmente é percebido como um esporte do tipo masculino, e a agressão como uma característica tipicamente masculina, afirmam os autores (Coulomb-Cabagno, Rascle e Souchon 2005).

No contexto desportivo, há também uma evidência crescente de que os homens são mais agressivos ou percebem a agressão como sendo mais legítima do que as mulheres o fazem (Conroy e colaboradores 2001; Tucker e Parks, 2001).

Nas agressões que foram cometidas os entrevistados, portanto, que tiveram resposta positiva para a pergunta “ao longo de sua carreira já sofreu agressões físicas em jogos oficiais?” estas vieram por parte de jogadores, comissão técnica e dirigentes. Quando questionados sobre os motivos que poderiam levar alguém a agredir o árbitro de futebol durante o jogo, diversas questões foram levantadas. Estas puderam ser divididas em três subcategorias de análise: a sociedade, o clube e os agentes externos.

Segundo os entrevistados, grande parte da sociedade julga que o árbitro não erra por ser humano e, sim, por ser mal intencionado. Porém, desde a criação oficial do futebol em 1863 nunca houve a pretensão de que as pessoas envolvidas nesse esporte fossem infalíveis (Da Silva e Frausino, 2005).

“Os erros cometidos pelos árbitros são imperdoáveis para algumas pessoas. Errar é uma atitude que qualquer pessoa pode cometer, mas isto não é válido para o árbitro dentro do campo” (Da Silva e colaboradores, 2002, p. 42).

O fato de suas decisões não poderem ser contestadas ou corrigidas durante uma partida, uma vez confirmadas, protege e sustenta a autoridade do árbitro dentro do campo de jogo (Ekblom, 1994).

Além do julgamento errôneo da sociedade, alguns dos entrevistados acreditam que os próprios árbitros são culpados por este tipo de comportamento, por não se defenderem coletivamente. Em contrapartida ao fato da sociedade de entender o erro do árbitro como erro e não má-intenção, também

surgiram outros motivos como: a cultura do futebol, a impunidade e a incapacidade de perceber que o erro do árbitro faz parte do jogo. Para Ekblom (1994) uma “decisão errada” do árbitro, é uma decisão de acontecimento.

Expressões de agressividade estão presentes no futebol desde o seu surgimento, já que ele sempre foi associado aos valores de masculinidade, exacerbando a virilidade e a força. Na sociedade, estão presentes estes valores masculinos. Porém, este argumento “a violência sempre esteve ligada ao futebol” não deve ser aceito, apesar de as causas e soluções para este problema serem complexos e difíceis de serem solucionados (Reis, 2006). O clube é um espaço onde ocorrem muitas destas manifestações.

Neste caso, consideramos o clube como sendo composto por integrantes da equipe de jogadores, comissão técnica e dirigentes. Dentre os motivos que poderiam desencadear uma agressão, os mais citados foram a paixão e a emoção. Além desses, a insatisfação com as marcações, a possibilidade de descarregar seus erros durante a partida no árbitro, o desconhecimento das regras do jogo, o despreparo psicológico e os problemas pessoais também foram citados.

Santos (2008) classifica o descontrole momentâneo que poderia gerar a violência como resultado de três situações: o descontrole relacionado com a revolta devido a um erro ou identificação de uma atitude mal intencionada por parte da arbitragem, a incapacidade de resolver a situação de outra forma e o ambiente onde praticam o futebol.

Quanto ao ambiente, Da Silva e Oliveira (2012) aponta que este fator também está ligado às decisões do árbitro e das pessoas externas ao jogo, como torcedores, que incentivam o comportamento violento por parte dos integrantes da equipe. Nesta direção se faz necessário considerar a influência dos agentes externos.

Investigações de atos de agressão do espectador e observações de torcedores demonstram uma relação entre a agressão do torcedor e as atividades dos jogadores no campo.

Berkowitz (1972); Smith (1983) sugerem que quando o desempenho dos jogadores no campo for percebido como violento, os espectadores e os partidários do

esporte tendem a agir ambos violentamente durante e após a partida.

Os próprios árbitros podem não estar isentos nas agressões sofridas. A falta de combinação prévia com a Brigada Militar, por exemplo, que está encarregada em garantir a sua segurança, pode ser um dos motivos que leve o árbitro a ser agredido. Além disso, interesses políticos e econômicos também foram citados como causas.

“Os desdobramentos das transformações esportivas envolvem variadas esferas. No plano econômico, por exemplo, os efeitos dos resultados em campo podem apresentar fortes impactos na movimentação econômica dos países” (Boschilia, 2008, p. 108).

O futebol, assim, assumiu grande importância com o grande envolvimento de pessoas e instituições. Este fato aliado à necessidade de atingir resultados expressivos e buscar lucro acabou por distanciar a modalidade da maneira como era o jogo em sua origem (Boschilia, 2008). A mídia cumpriu um papel nas mudanças das partidas de futebol.

Categoria 2: Meios de comunicação

Diferentes formas de mídias estão presentes nos campos de futebol:

“Repórteres de rádios, jornais e televisões, fotógrafos, cinegrafistas estão atentos às jogadas e ações em localizações e posições estratégicas de onde possam registrar quase todos os lances da partida, inclusive os que passam despercebidos pelos árbitros, cumprindo variadas funções” (Boschilia, 2008, p. 111).

Quando questionados sobre o tipo de mídia que consideram mais importante na cobertura de algum jogo em que estiveram trabalhando (televisão, jornal ou rádio), a grande maioria respondeu a televisão. Segundo eles, as imagens podem não impedir que uma agressão ocorra, mas podem fazer com que ela seja punida corretamente.

De acordo com os entrevistados, a imagem da televisão pode levar um árbitro a glória ou a decadência, pois não basta que o árbitro tenha acertado no campo de jogo. Entretanto, a formulação desta opinião, ou

seja, se o árbitro acertou ou errou ao intervir em uma jogada, por parte das pessoas que trabalham durante a transmissão de uma partida de futebol ou posteriormente em programas esportivos é muito confusa, isto porque, mesmo após terem assistido repetidamente um lance emitem pareceres totalmente diferentes, o que dificulta o telespectador a entender se o árbitro acertou ou errou na sua intervenção (Da Silva e Frausino, 2005).

Um exemplo do baixo nível de conhecimento em relação às regras de futebol é dado por Mack (1980). Segundo este autor, pode-se garantir que menos de um por cento da população brasileira leu uma regra de futebol e isto, sem dúvida nenhuma, dificulta a atuação do árbitro durante uma partida, tendo em vista os fatos mencionados anteriormente. Quem assiste a um jogo pela televisão só deveria sair com certezas do que ocorreu durante a partida, ou seja, se o gol realmente valeu, o jogador com certeza estava impedido, a falta foi clara, as câmeras mostraram tudo, não tem como discutir (Escher e Reis, 2005).

Entretanto, devido a polêmicas discussões levantadas pela imprensa, a verdade observada pelos olhos se conflitam com as discussões sem fundamento dos jornalistas desportivos.

Da Silva e Frausino (2005) citam que o árbitro está constantemente vigiado pelas câmeras de televisão. Quando um erro é cometido, este é sempre focado como inimigo pelos torcedores, jogadores e treinadores. Mas, os jogadores também são constantemente vigiados pelas lentes da televisão, e seus erros também são analisados e comentados podendo gerar comentário negativos, como são vítimas os árbitros (Escher e Reis, 2005).

Até mesmo um acerto passa a não ser acerto, dependendo de quem o está "avaliando". Boschilia (2008) afirma que a violência é algo habitual ao futebol e que as possibilidades de prevenção e controle da violência são influenciadas por outras instituições como a mídia e os tribunais esportivos.

Nos diferentes campeonatos a violência pode ocorrer de formas diferenciadas ou não. Isto parece colaborar com os resultados do estudo de Friman, Nyberg e Norlander (2004) que descrevem as percepções de ameaças e agressões

vivenciadas pelos árbitros. Já que mesmo sendo agredidos ou ofendidos, e de certa forma surpreendentemente, muitos deles declararam que é divertido ser árbitro de futebol. Já em um estudo que busca levantar as causas que fazem as pessoas a desistirem da carreira de árbitro de futebol, as situações que envolvem ofensa ou agressão não foram indicadas pelos árbitros como possíveis razões de eles terem parado de arbitrar (Pereira, Aladashvile e Da Silva, 2006).

O segundo colocado, de acordo com os entrevistados, foi o rádio, devido ao fácil e rápido acesso. De acordo com a entrevista realizada, o rádio é o meio de comunicação que mais abrange a população em geral, sendo utilizado por muitos dentro do próprio estádio no momento em que está acontecendo à partida. Por outro lado, também foi questionada a integridade deste tipo de mídia, uma vez que por não mostrar os lances, torna-se possível opinar e formar opiniões de acordo com o que quisesse.

O jornal acabou ficando com a terceira colocação, em função dessa mídia impressa não abordar novidades, mas apenas abranger o que já foi mostrado e discutido inúmeras vezes na televisão ou no rádio. A mídia sozinha não inibe comportamentos agressivos. Além disso, quando composta por profissionais pouco qualificados, podem instigar a violência dentro e fora de campo. Segundo relato dado em entrevista, "quem tem medo não pode trabalhar como árbitro, pois não há total segurança".

Categoria 3: Campeonato amador adulto ou categorias de base e profissional

O questionamento sobre a ocorrência de mais agressões aos árbitros em jogos amadores adultos e de categorias de base do que em jogos profissionais. A resposta positiva foi unânime. Fato este que pode ser constatado, pois dos nove árbitros que sofreram agressões apenas dois aconteceu em um jogo profissional.

Neste aspecto, questionamos o motivo que levaria a ocorrer mais agressões nesses campeonatos. Dentre os motivos citados, encontramos: a falta de infraestrutura de diversos estádios, pouca visibilidade do jogo, a presença não obrigatória da Brigada Militar, a punição pequena ou inexistente e a falta de experiência dos árbitros. Portanto, mesmo o

parágrafo 3 do artigo 254 A do Código Brasileiro de Justiça Desportiva prever uma punição severa aos atletas que agredirem os árbitros, esta não é suficiente para impedir que os árbitros não sejam agredidos principalmente nas categorias amadoras. Parágrafo terceiro do artigo 254 a in verbis:

“§ 3º Se a ação for praticada contra árbitros, assistentes ou demais membros de equipe de arbitragem, a pena mínima será de suspensão por cento e oitenta dias.” (Incluído pela Resolução CNE nº 29 de 2009).

Em consenso com o resultado encontrado pelo nosso estudo, Boschilia, Afonso e Alves (2008) entrevistaram árbitros da Federação Paranaense de Futebol pertencentes ao quadro da CBF e os questionaram sobre agressões sofridas, concluindo que as agressões ocorriam principalmente no futebol amador, apesar de não estarem descartadas no futebol profissional. Segundo eles, violências morais e verbais seriam inerentes à função de árbitro.

O aumento da violência com o respectivo aumento das punições nas categorias de base foi diagnosticado recentemente.

Leitão e Tubino (2003) revelam que muitos jogadores da categoria de base são punidos por reclamarem acintosamente da arbitragem, principalmente por não conhecerem as regras do esporte que praticam. Dessa maneira, comentem faltas desnecessárias e, a partir de argumentos verbais tentam justificá-las.

Para Barros e Velho (2005) a violência no futebol começaria nas categorias de base estendendo-se até o profissional, não poupando nem as "peladas" disputadas nos finais de semana.

Outro fator bastante comentado pelos árbitros de futebol entrevistados diz respeito às agressões morais sofridas. Segundo eles, agressões morais acontecem em todas as partidas em que trabalham, vindas por parte de torcedores, jogadores, comissões técnicas e dirigentes.

Este tipo de agressão acaba por difamar a atuação dos árbitros, pois nenhum trabalhador deveria atuar sob este tipo de pressão. Esta informação colabora com os achados de Folkesson e colaboradores (2002) que examinaram as circunstâncias pertinentes

a ameaças e agressão (físicas ou verbais) durante as partidas de futebol. Foram identificadas três fontes de agressão: (1) jogadores de futebol, (2) técnicos/treinadores e (3) espectadores. A incidência de ameaças e agressão teve efeito na concentração, no desempenho e na motivação, inclusive nas preocupações antes da partida. Além disso, descobriu-se que os resultados foram afetados pela idade, pelo grau de experiência e pela orientação de vida dos árbitros. Percebeu-se que os árbitros mais jovens eram os mais sujeitos a ameaças e agressão.

CONCLUSÃO

Com a participação de quase metade do quadro de árbitros do Rio Grande do Sul, foi possível perceber que cerca de um quinto dos entrevistados foram agredidos quando atuavam em jogos oficiais. Corroborando com os achados feitos com os árbitros de São Paulo, no Rio Grande do Sul, também ocorreram mais agressões em jogos amadores.

Levando em conta tais considerações, concluímos que, sozinha, a mídia não impede nenhuma forma de comportamento agressivo, podendo ter alguma relevância apenas quando relacionada a outros fatores.

Sendo assim, a justificativa da ANAF para os casos de agressões aos árbitros de futebol não pode ser totalmente aceita nos casos do Rio Grande do Sul, pois a maioria das agressões ocorreu com a presença da mídia. Porém, como apenas uma das partidas contava com a cobertura televisiva, o tipo de mídia que cobre a partida pode ser relevante.

Sugerem-se novos estudos, em outros estados do Brasil, que analisem as agressões sofridas pelos árbitros de futebol e suas relações com as mídias de forma a gerar novos subsídios e debates, já que a mídia cumpre uma função dupla no futebol, podendo incitar ou inibir a violência nos estádios.

REFERÊNCIAS

- 1-Barros, M. L. C.; Velho, N. M. A violência no futebol: revisão sócio-psicológica. Revista Brasileira Cineantropometria Desenvolvimento Humano. Vol. 7. Num. 1. 2005. p. 64-74.
- 2-Bardin, L. Análise de conteúdo. Lisboa. Edições 70, 2000.

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

- 3-Berkowitz, L. Sports, competition and aggression. 4ª edição. Ottawa, Canada: Ottawa University, Department of National Health and Welfare. 1972.
- 4-Boschilia, B. Futebol e violência em campo: análise das interdependências entre árbitros, regras e instituições esportivas. Dissertação Mestrado em Educação Física. Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, Curitiba, UFPR, 2008.
- 5-Boschilia, B.; Afonso, G.; Alves, P. Os árbitros e a violência no futebol. Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas. In: 1º Encontro da ALESDE, 2008, Curitiba. Anais... Curitiba: UFPR, CD.
- 6-Castellar, M. Comitê da Copa de 2014 terá R\$ 1,38 bilhão. Disponível em:<http://www.lancenet.com.br/copa-do-mundo/Comite-Copa-tera-bilhao_0_373162932.html> 2010. Acesso em: 2 de julho de 2011.
- 7-Brasil. Código Brasileiro de Justiça Desportiva. Resolução nº 29 - Conselho Nacional do Esporte. Aprovado em 10 de dezembro de 2009. Diário Oficial da União. Brasília, n. 250, p. 77 - 94, 31 de dez. 2009. Seção 1.
- 8-Conroy, D. E.; Silva, J. M.; Newcomer, R. R.; Walker, B. W.; Johnson, M. S. Personal and participatory socializers of the perceived legitimacy of aggressive behavior in sport. *Aggressive Behavior*. Vol. 27. 2001. p. 405-418.
- 9-Coulomb-Cabagno, G.; Rascle, O.; Souchon, N. Players' Gender and Male Referees' Decisions About Aggression in French Soccer: A Preliminary Study. *Sex Roles*. Vol. 52. Num. 7/8. 2005. p. 547-553.
- 10-Da Silva, A. I. Bases científicas e metodológicas para o treinamento do árbitro de futebol. Curitiba - Brasil, Imprensa da UFPR. 2005.
- 11-Da Silva, A. I. Ética no futebol: será possível? *Revista Digital efdeportes.com* Año 16. Num. 162. 2011.
- 12-Da Silva, A. I.; Sobrinho, A. B. Arbitro de futebol x marketing: uma opção a ser explorada. *Revista Brasileira de Ciências e Movimento*. Vol. 13. Num. 2. 2005. p. 85-92.
- 13-Da Silva, A. I.; Frausino, N. Análise dos comentários da imprensa em relação ao árbitro de futebol. *Revista Digital efdeportes.com*. Año 10. Num. 84. 2005.
- 14-Da Silva, A. I.; Oliveira, M. C. Fatores que podem interferir na tomada de decisão do árbitro de futebol. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*. Vol. 6. Num. 32. 2012. p.113-127.
- 15-Da Silva, A. I.; Rodriguez-Añes, C. R.; Frómeta, E. R. O árbitro de futebol - uma abordagem histórico-crítica. *Revista da Educação Física/UEM*. Vol. 13. Num. 1. 2002. p. 39-45.
- 16-Da Silva, A. I.; Frómeta, E. R. Influencia del cambio de la Comisión de Arbitraje en la capacidad física de árbitros de fútbol de la CBF. *Revista Pensar a Prática*. Vol. 10. Num. 2. 2007. p. 170 - 182.
- 17-Ekblom, B. Football (soccer). London. Blackwell Scientific. 1994.
- 18-Escher, T. A.; Reis, H. H. B. Futebol e televisão: fechem os portões liguem as câmeras - o show vai começar! *Conexões*, Vol. 3. Num. 1. 2005. p. 26-35.
- 19-Folha de São Paulo. Agressões atingem um terço dos árbitros de futebol. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/1048342-agressoes-atingem-um-terco-dos-arbitros-de-futebol.shtml>. Acesso em: 15 de junho de 2012.
- 20-Folkesson, P.; Nyberg, C.; Archer, T.; Norlander, T. Soccer referees' experience of threat and aggression: Effects on age, experience, and life orientation on outcome of coping strategy. *Aggressive Behavior*. Vol. 28. 2002. p. 317-327.
- 21-Friman, M.; Nyberg, C.; Norlander, T. Threats and Aggression Directed at Soccer Referees: An Empirical Phenomenological

Revista Brasileira de Futsal e Futebol

ISSN 1984-4956 *versão eletrônica*

Periódico do Instituto Brasileiro de Pesquisa e Ensino em Fisiologia do Exercício

www.ibpex.com.br / www.rbff.com.br

Psychological Study. The Qualitative Report. Vol. 9. 2004. p. 652-672.

Recebido para publicação em 21/02/2013
Aceito em 31/03/2013

22-Leitão, L. A.; Tubino, M. J. G. A percepção do jogador infantil do Rio de Janeiro sobre o fair play, agressão e a violência na prática esportiva no futebol. Revista da FIEP. Vol. 73. 2003. p. 55- 61.

23-Lindström, J. Dialog och förståelse. [Dialog and understanding]. Göteborg, Sweden: Göteborg University, Department of theory of science and research, 1974.

24-Mack, R. C. V. Futebol empresa. Rio de Janeiro: Palestra Edições. 1980.

25-Pereira, J. A.; Aladashvile, G. A.; Da Silva, A. I. Causas que levam alguns árbitros a desistirem da carreira de árbitro profissional. Revista da Educação Física/UEM. Vol. 17. Num. 2. 2006. p. 185-192.

26-Reis, H. H. B. Futebol e Violência. Campinas: Armazém do Ipê, 2006.

27-Reis, L. Agressões atingem um terço dos juízes. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/esporte/25811-agressoes-atingem-um-terco-dos-juizes.shtml>. acesso em 15 julho de 2012.

28-Santos, R. F. A violência no futebol na visão de seus atores. Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas. In: 1º Encontro da ALESDE, 2008, Curitiba. Anais... Curitiba: UFPR, CD.

29-Smith, M. Violence and sport. Toronto. Canada. Butterworths. 1983.

30-Tucker, L. W.; Parks, J. B. Effects of gender and Sport type on intercollegiate athletes' perceptions of the legitimacy of aggressive behaviors in sport. Sociology of Sport Journal. Vol. 18. 2001. p. 403-413.

31-Unzelte, C. D. O livro de ouro do futebol. Rio de Janeiro. Sinergia. Ediouro. 2009.